

KSENIA TOMASHEVA

(Era uma vez)

# Um Natal na Cidade

TRADUÇÃO:  
ANA CARINA PROKOPYSHYN



**Editorial Divergência**

Janeiro de 2026

## FICHA TÉCNICA

**Título original:** Одного Різдва в Місті

**Autora:** ©Ksenia Tomasheva

**Ilustrações no interior:** Illya Fortuna

**Editora:** ©Lira-K, 2022

Ucrânia

**Título:** (Era uma vez) Um Natal na Cidade

**Autora:** Ksenia Tomasheva

**Tradução:** Ana Carina Prokopyshyn

**Coordenação editorial:** Arlete Gomes

**Revisão:** Daniela Rosas e Arlete Gomes

**Artista de capa:** João Rodrigo Carvalho

**Composição:** Helena Pereira

**ISBN:** 978-989-9331-27-3

**Este livro foi composto pelos tipos:**

Palatino Linotype e BlackChancery

©2026 Grupo Editorial Divergência

©2026 Ksenia Tomasheva

©2026 João Rodrigo Carvalho

©2026 Ana Carina Prokopyshyn

©2026 Illya Fortuna

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

**Grupo Editorial Divergência**

Centro de Negócios de Ansião

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

**Website:** <https://divergencia.pt/>

**E-mail:** [geral@divergencia.pt](mailto:geral@divergencia.pt)

**Telefone:** 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e a Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.

Programa Europa Criativa - Projeto IndieSpec 2025-2027



**Cofinanciado pela  
União Europeia**

KSENIA TOMASHEVA

(Era uma vez)

# Um Natal na Cidade

TRADUÇÃO:  
ANA CARINA PROKOPYSHYN

# Índice

Uma rena de verdade

11

Flocos de neve de papel

45

O Circo do Tio Gigio

89

A mais incrível bolacha  
de frutas cristalizadas

113

(Era uma vez)

# Um Natal na Cidade

Todos os habitantes desta cidade têm poderes mágicos, e pela altura do Natal, acontece sempre algo de fantástico.

Mas se essa magia tivesse de cumprir um horário rígido e um plano controlado, isso perderia toda a piada não acham?

Os habitantes da cidade também acham. Por isso não se importam se, na Véspera de Natal, ficar tudo de pantanas. Em vez disso, ficam ávidos por uma grande aventura, por enveredar numa verdadeira história de detetives.

Venham descobrir, juntamente com os habitantes da Rua Baunilha, onde se meteu o Sr. Lulupuki, por que razão se transformam os doces em brinquedos, o que aconteceu com o circo, liderado por um macaco falante, e quem vive debaixo da cama...

*Para crianças dos 9 aos 12 anos e para adultos  
que acreditem em magia.*



Uma rena  
de verdade



A cidade congelou, à espera do grande feriado. As ruas estavam todas decoradas, os postes de luz estavam enfeitados com fileiras de bandeirinhas coloridas, e os gnomos de jardim exibiam os seus gorros graciosos. A árvore de Natal dos Snarflies era tão grande que se perdia de vista, e cintilava com enfeites de todas as cores. Os Warflies, que este ano haviam decidido superar os seus vizinhos, decoraram com luzes não só o enorme cedro, perto do alpendre, mas também o telhado bicudo da sua casa.

Pit, o buldogue dos Warflies, também foi vítima da disposição festiva dos seus donos, que o obrigaram a fazer-se passar por uma rena. Por isso, o pobre cão andava por ali todo tristonho e, por vezes, prendia-se aos arbustos com os seus chifres de papel maché, que lhe haviam sido fixados à cabeça com fitas de seda e um pouco de magia caseira.

Por incrível que pareça, os arbustos tinham-se cruzado com o caminho do Pit muitas vezes, nestes últimos dias, embora, isso não tenha ajudado o pobre coitado a livrar-se dos chifres.

A Sra. Warflie era muito boa no feitiço «Não o percas, hã?», o que não era de admirar. Quando alguém cria trigêmeos que andam sempre a perder as coisas, até mesmo sem dar por isso, acaba por aprender a empregar este útil feitiço com grande mestria. A Miss Murzhynski, que era a gata dos Snarflies,

assistia ao sofrimento do buldogue com uma superioridade felina, a partir da janela do segundo andar. Os donos não se atreviam a pôr-lhe nada além de um luxuoso laço dourado ao pescoço. Mas um laço tem muito estilo e elegância! Até o Pit usaria um, se ele soubesse fazer um laço.

Com um suspiro pesado, o cão tentou ignorar a vizinha irritante. Se ao menos ele fosse uma rena de verdade, gostaria de ver o que é que a Miss Murzhynski diria!

A manhã da véspera de Natal estava gelada mas soalheira. Este inverno não tinha sido rico em neve, mas a geada farfalhada encarregara-se de, diligentemente, decorar as árvores e os arbustos com tons de prata. E assim, os ramos, cobertos por uma espessa camada de geada cintilante, brilhavam ao sol, competindo uns com os outros, para ver quem brilhava mais. O silêncio tranquilo da manhã espalhava-se por entre o aroma caseiro de bolinhos de gengibre, vinho quente e tangerinas.

— Nós construímolo! Construímolo! — A voz estridente da Pipa Mirtel ressoou sobre toda a Rua Baunilha, de tal modo que arrancou o Pit do seu sono, fazendo-o ladrar alto.

O pobre coitado não tinha conseguido dormir nada toda a noite, com tanto barulho que vinha da rua. O barulho era peculiar: ora algo a uivar, ora sinos a tocar, e ainda martelos, irritantemente, a martelar. O buldogue, que não tinha pregado olho até de manhãzinha, estava sonolento e com uma sensação estranha, como se a casa tivesse sido arrombada na noite anterior. Nisto, a Miss Murzhynski arqueou as costas e suspirou com desdém, no parapeito da janela da casa da frente.

— A sério, pequerrucha? — O Sr. Warflie, que estava a ajeitar um dos gnomos de jardim, que tinha sido derrubado por alguém durante a noite, bateu palmas de alegria, mas de repente agarrou a menina pela cintura. — Tens a certeza? Viste mesmo com os teus próprios olhos?

O Sr. Warflie endireitou-se com um grunhido. A sua ciática era sempre um problema no inverno, além disso, ele tinha estado dobrado durante quase um quarto de hora, enquanto

procurava na relva, em vão, o cachecol às riscas vermelhas e amarelas do gnomo. Tinha sido a própria Sra. Warflie a tricotar o cachecol, pelo que ela ficaria muito aborrecida, se aquele adorno desaparecesse.

— Sim, tenho a certeza, Sr. Warfle! Quer dizer, não fui eu que vi, mas o Ricky do Beco das Ericáceas viu. E ele diz que este ano até há um Castelo de Gelo! — disse a Pipa, engasgando-se com as palavras.

— Ena pá! Um verdadeiro Castelo de Gelo? — O Sr. Warflie até ficou fora de si, de tão contente que estava com aquela notícia, e foi quando um chupa-chupa de laranja lhe apareceu na mão.

A magia do Sr. Warflie era sempre imprevisível. Assim que se entusiasmava, as suas emoções traduziam-se imediatamente num objeto adequado à ocasião. E era uma sorte quando aparecia algo inocente e imóvel, como aquele chupa-chupa.

Uma noite, o Sr. Warflie teve um pesadelo e a casa encheu-se de borboletas de tom amarelo vivo. De manhã, todas elas voaram para a mesa da cozinha e transformaram-se em delicadas bolachas de queijo. No entanto, a Sra. Warflie fartou-se de resmungar, pois teve de andar a limpar o pó dourado do queijo, tanto dos tapetes, como das almofadas do sofá, decoradas com renda feita à mão. Ela nunca o admitiria, mas foi esta magia imprevisível que, na sua juventude, a fez ficar atraída por aquele que viria a ser o seu futuro marido. Nessa altura, ainda ninguém tratava o Sr. Warflie por «Sr. Warflie», toda a gente o tratava por «Johnny, o esquisitinho».

— Toma, isto é para ti, — disse o Sr. Warflie, atrapalhado, rodando o chupa-chupa mágico nas mãos, e entregou-o à Pipa, — mas não o comas antes do pequeno-almoço, senão perdes o apetite! — retorquiu ele, lembrando-se de como a Sra. Warflie repreendia sempre os trigêmeos quando eles comiam doces em vez de comida saudável. Os trigêmeos já eram bem crescidos, mas nunca perderam o hábito de comer doces antes das refeições.

O Sr. Warflie sorriu: os seus «meninos» deviam estar mesmo prestes a chegar. E a senhora Warflie andava atarefada na cozinha desde madrugada, a preparar uma Incrível Ceia de Natal. Aliás, todos os anos, as suas ceias de Natal eram incríveis. O importante era não incomodar a Sra. Warflie enquanto ela fazia a sua magia ao fogão. Mas, às vezes, o Sr. Warflie parecia esquecer-se disso.

— Petúnia, já ouviste dizer que vai haver uma exposição de esculturas de gelo na praça? Até construíram um castelo de gelo! — O Sr. Warflie apressara-se a partilhar as boas notícias com a sua esposa.

Todos os habitantes da cidade estavam ansiosos por saber se a exposição deste ano se realizaria ou não. Afinal de contas, o tempo estava invulgarmente quente. Os especialistas temiam que as esculturas derretessem ainda antes de poderem encantar o público. Achavam que o Presidente da Câmara deveria convidar o próprio Lulupuki, da Lapónia, para garantir que a praça principal ficasse congelada. A sensata Sra. Warflie não disse nada, apenas acenou, com um ar cético. É claro que o Grande Feiticeiro de Inverno, que tem tantas coisas importantes para fazer na véspera de Natal, ia mesmo perder o seu valioso tempo para que a cidade não perdesse a sua animação tradicional...

— Ainda estás de robe? — gritou a Dona Petúnia Warflie, uma senhora velhinha, de bochechas rosadas, que cheirava a pãozinhos de baunilha quentes. — Os meninos não tardam a chegar e tu ainda nem sequer te vestiste!

— Construíram um castelo de gelo... — repetiu o Sr. Warflie, desta vez com menos entusiasmo. Ele sabia que, quando a Sra. Warflie estava zangada, era melhor não a contrariar. Mas ele também queria muito partilhar as boas notícias.

— Ainda bem, — a mulher passou de um tom de raiva a um tom de misericórdia. — Os meninos vão adorar. Se calhar nunca vão ver nada assim lá na capital. Afinal, uma exposição de esculturas de gelo assim só acontece na nossa cidade!

Ao ouvir estas palavras, o Sr. Warflie endireitou-se orgulhosamente, alisou a barba grisalha com a mão e ajustou o pince-nez, que lhe tinha escorregado até à ponta do nariz, devido aos seus passos largos. Realmente, a sua terra natal ainda tinha algo com que surpreender os incríveis polícias da capital, o que se haviam tornado os trigêmeos!



A inauguração da exposição era antes do almoço. Os habitantes da cidade, todos aperaltados, com botas quentes e de cachecóis de lã às riscas enrolados ao pescoço, já faziam fila para entrar.

— Não percebo porque é que não esperamos que os meninos cheguem, e assim podemos ir todos juntos, — queixava-se a Sra. Warflie, chateada por o marido a tentar convencer do contrário.

— Até eles chegarem, já toda a gente teve tempo de ver as esculturas. Até os Snarflies, — retorquiu astutamente o Sr. Warflie.

Ele queria tanto estar entre os primeiros visitantes da exposição que empurrava à pressa a sua mulher, numa dança frenética de impaciência.

Petúnia não se calava, repetindo que queria esperar pelos filhos. Mas, entretanto, o carteiro trouxe um telegrama dos meninos: assuntos urgentes obrigavam-nos a ficar retidos mais tempo na capital. No mesmo telegrama, os trigêmeos imploravam ainda que não comessem as costeletas, especialidade de Natal da Sra. Warflie, sem que eles chegassem... E ela lá concordou em sair. Além disso, o sorriso alegre do velho Sr. Warflie lembrara a Petúnia o sorriso do outrora jovem Johnny, e eis que ela não resistiu mais.

Mal pôs o pé na rua, apercebeu-se de que não tinha tirado os rolos todos do cabelo. Então, agiu diligentemente para resolver aquele constrangimento. Só a ideia de que algum dos

Snarflies pudesse ter reparado naquela negligência afligia a velha Petúnia. A Miss Murzhynski, que estava sentada no parapeito da janela, como de costume, não contava, mas ainda assim, nem mesmo perante ela, a Petúnia Warflie se queria expor ao ridículo. O Pit estava completamente de acordo com a sua dona. Já bastava a beleza altiva dos chifres de rena.

As crianças corriam, gritando de alegria, à volta dos adultos, que faziam fila para levantar os bilhetes. Naturalmente, a entrada era gratuita, era tudo financiado pela autarquia local, mas a compra dos bilhetes era uma tradição quase tão importante como a própria exposição. O dinheiro angariado destinava-se a comprar brinquedos para as crianças pobres. Por isso, todos tentavam comprar o maior número possível de bilhetes.

Infelizmente, os Warflies não tinham hipóteses de ultrapassar os Snarflies neste gesto, pois aqueles eram mais abastados. Mas assim que os trigêmeos fossem promovidos, isso certamente conduziria a família Warflie à liderança!

— Será que não têm medo que isto tudo derreta? —, questionava o Sr. Tiki, o relojoeiro, sem se dirigir a ninguém em particular.

— Esta manhã estive na Câmara. Sabiam que a nossa rua está outra vez a ter problemas de barulho, à noite? E, pelos vistos, o Presidente da Câmara não tem pressa para os resolver, — disparou a Sra. Sabeflie, a famosa coscuvilheira da cidade, aproveitando a deixa do Sr. Tiki para falar. — e também ouvi dizer que o Grande Feiticeiro do Inverno queria ir lá ter com ele para colocar um globo de neve, mas a sua mulher não o deixou, pois. Ela e o seu plano rigoroso! Temos de cumprir o horário, se não o Sr. Lulupuki não vai ter tempo para entregar as prendas todas; ainda por cima, ela recebeu muitas encomendas este ano, coitadinha — a Sra. Sabeflie contava tudo isto com um tom de ironia e reprovação.

Se a Sra. Sabeflie tivesse um marido como o Feiticeiro do Inverno, até lhe puxava o lustro, não o obrigaria a trabalhar

muito, nem o repreenderia por estar todo o dia deitado no sofá, ou por ficar com os amigos no café.

A verdade é que a Sra. Sabeflie não tinha marido. Toda a gente na cidade sabia o quanto a Sra. Sabeflie era obcecada com a limpeza. Quem é que havia de querer uma esposa que nos obrigasse sempre a lavar as mãos, antes e depois das refeições, ou que nos repreendesse por andarmos com os sapatos sujos da rua pelo chão acabado de lavar? No entanto, justo será dizer que, em todos os outros aspetos (sem contar com o seu gosto pela coscuvilhice), a Sra. Sabeflie era uma pessoa muito simpática e agradável.

— Mamã, quem é o Feiticeiro do Inverno?, — perguntava à mãe, ao mesmo tempo que lhe puxava a manga, um menino muito bem comportado, de chapéu azul, que estava na fila, atrás do Sr. Tiki.

— Caluda! Ou paras quieto, ou vamos para casa e não há exposição para ninguém, ouviste? — gritou-lhe a mãe, severamente.

A Sra. Warflie ficou transtornada, com pena do pequenito, enquanto o Pit fitava as nádegas rechonchudas daquela mãe severa, calculando a distância do salto para uma valente dentada.

— Oh, meu menino, como podes não saber isso?, — disse a Sra. Sabeflie, gesticulando com as mãos. — O Grande Feiticeiro do Inverno é o Lulupuki! Nunca ouviste falar do velhote que, embora tenha muitas outras tarefas e competências, conduz um trenó puxado por três renas com sinos de prata nos arreios e entrega os presentes de Natal às crianças? É o Sr. Lulupuki! É ele quem cria a neve e o gelo para nos fazer sentir o verdadeiro inverno.

— Eu cá não vejo inverno nenhum! — Murmurou com desdém a mãe rechonchuda. — E tu, não importunes os adultos com as tuas perguntas parvas — dito isto, puxou o filho outra vez para junto dela.



— Então, afinal ele veio ou não? — O Sr. Tiki era um cavalheiro demasiado curioso para deixar as suas perguntas sem resposta (por alguma razão, tinha escolhido a profissão de relojoeiro), e as palavras da Sra. Sabeflie, na sua opinião, não eram uma resposta válida.

— Não sei ao certo, porque esta manhã o Sr. Presidente da Câmara estava ocupado com assuntos urgentes, e não passou pela Câmara Municipal. Mas a Sra. Lili disse que ela e o Sr. Presidente da Câmara eram bons amigos e que...

Ninguém chegou a ouvir o que a Sra. Lili disse, porque, naquele momento, a janela da bilheteira abriu, e a fila já não estava com disposição para mexericos. O senhor Tiki ainda olhou para a Sra. Sabeflie com um desejo indisfarçável de continuar a conversa, mas ela já não estava a prestar atenção ao relojoeiro.

Vale a pena mencionar que o Sr. Tiki há muito que se sentia atraído pela Sra. Sabeflie. Nem se importaria de lavar as mãos antes e depois das refeições, ou de usar chinelos em casa. No entanto, o relojoeiro era demasiado tímido para falar com a Sra. Sabeflie. Então, o que é que poderia ser melhor do que os mexericos para os aproximar?

\*\*\*

— Olha, querido, não é preciso ter pressa, — a Sra. Warflie tentou, em vão, acalmar o marido, que claramente estava a reviver os seus tempos de juventude. — Olha, neste momento, está uma multidão junto ao Castelo de Gelo, porque é que não vamos ver primeiro as esculturas, e depois voltamos para ver o castelo?

O Sr. Warflie sabia que a sua esposa tinha razão, mas não conseguia conter-se. Aquele turbilhão de emoções fez com que a sua magia voltasse a ficar fora de controlo, então, foi envolvido

por uma nuvem minúscula, mas pegajosa, que o perseguia enquanto andava. Dela, caíam sem parar chupa-chupas de menta em forma de bengala. O Sr. Warflie não ficara incomodado com isso, ainda que alguns chupa-chupas lhe batessem dolorosamente no cimo da cabeça. Mas as crianças adoravam aquela nuvem: andavam num corrupio, atrás do Sr. Warflie, enchendo os bolsos de doces.

As esculturas eram extraordinárias! Havia um cisne de gelo e uma rena tão alta como o Sr. Warflie, decorada com verdadeiros arneses elegantes e sinos. É verdade que o Sr. Warflie não era muito alto, mas, na opinião do Pit, mesmo uma altura modesta para um ser humano era demasiada altura para uma rena de gelo.

Ao buldogue não agradava o facto de um cervídeo qualquer, fosse uma rena do norte, ou apenas uma estátua de rena, o olhasse de cima a baixo, com desprezo. E a rena estava, de facto, a olhar para ele, e de uma forma muito arrogante. É certo que os chifres falsos do Pit acrescentavam alguns centímetros à sua altura, mas ele continuava a sentir-se pequeno e insignificante, em comparação com aquele gigante de gelo. Por isso, pensou um pouco, pesou os prós e os contras e, numa investida, esticou a sua pata em direção à pata traseira da rena.

— Pit, não te atrevas! — A Sra. Warflie estava alerta.

Nem uma única travessura infantil do trio de gémeos tinha escapado à atenção daquela mulher, quanto mais do pobre buldogue.

O Pit fingiu que não tinha acontecido nada, que a Sra. Warflie estava apenas a imaginar coisas. E, de cabeça erguida, virou-se para o cisne. No entanto, não resistiu a uma pequena retaliação: os seus chifres fizeram um belo e profundo vinco na perna da estátua de rena. A culpa foi toda da Sra. Warflie, que não devia ter colocado os chifres no infeliz do cão!

— Sabes, querido, — disse a Sra. Warflie, pensativa, dirigindo-se ao marido, que estava a olhar atentamente para

a rena de gelo, — também acho que aqueles chifres não lhe assentam muito bem...

— Sim, querida, — respondeu o Sr. Warflie, sem sequer virar a cabeça, — aquele focinho é deveras suspeito.

O castelo, uma fortaleza de dois andares, era verdadeiramente magnífico: as torres de gelo brilhavam com pináculos afiados, e em cada uma delas havia uma bandeira com o brasão da cidade. As pessoas faziam fila para entrar, mas só deixavam entrar algumas pessoas de cada vez, para não sobrelotar o espaço. No entanto, no exterior, também não faltava diversão.

A torre central, decorada com um globo de neve, estava rodeada por uma escadaria esculpida no gelo. Do outro lado da torre, havia um escorrega muito lisinho, no qual era divertidíssimo deslizar numa espécie de concha especial, que podia ser levantada de um monte, ao pé das escadas, e que, depois de deslizar no escorrega, tinha de ser devolvida.

O Pit olhou para a confusão no escorrega e contava que os Warflies se lembrassem que ele era um buldogue respeitável. E é suposto os buldogues respeitáveis ficarem quietos na entrada, à espera dos seus donos.

— Pit! Olha, que maravilha! Um escorrega! — disse o Sr. Warflie, e pegou no pobre coitado do respeitável buldogue ao colo.

Foi com horror que o Pit viu desaparecer rapidamente o esperançoso caminho empedrado, dando lugar a degraus de gelo, polvilhados de areia fluvial amarela.

— Petúnia, tu não vens? — gritou o John Warflie, segurando o Pit numa mão e a concha na outra, e subiu as escadas tão depressa quanto a sua ciática o permitiu.

— Não, vocês divirtam-se, que eu vou ver como é que está a fila lá dentro, — disse a Sra. Warflie, retirando-se apressadamente. Ela tinha pavor de alturas e de escorregas de gelo, embora tivesse vergonha de o admitir.



A véspera de Natal da Pipa Mirtel ainda nem sequer tinha começado e já estava a ser um desastre.

De madrugada, acordou com os gritos de um gato. Se a Pipa tivesse sido demasiado preguiçosa e não tivesse saído da sua cama quentinha para olhar pela janela, nunca chegaria a saber que aqueles gritos eram da Miss Murzhynski, a gata dos Snarflies, que nunca antes se tinha comportado de uma forma tão escandalosa, pelo menos que a Pipa tivesse memória. E já havia pelo menos sete consoadas na memória da menina.

A primeira recordação nítida da Pipa foi do dia em que fez três anos. Nesse dia, o Pai Natal trouxe-lhe uma lebre verdadeira como presente. Naquela altura, a Pipa não pensou na injustiça que era ter nascido no dia de Natal e não receber presentes duas vezes por ano, mas apenas uma. Ela estava simplesmente feliz por ter um novo amigo peludo, embora essa alegria tenha durado apenas meio-dia. A lebre ganhou coragem, começou a falar e revelou que tinha de cuidar dos seus filhotes, que estavam à sua espera na floresta. Então, a Pipa soltou o seu amigo peludo, para que as crias não morressem de frio.

Só à noite é que ela descobriu que as lebres não têm filhotes a meio do inverno. E mesmo que tivessem, os machos

não tomam conta das suas crias, deixando essa tarefa exclusivamente para as fêmeas.

«De que nos vale saber falar com os animais, se eles nos tentam enganar?», pensou a Pipa. E, desde então, fingiu não compreender a língua dos animais.

Mas a verdade é que, naquela noite, ela nem precisou de fingir. A gritaria exaltada da Miss Murzhynski era incompreensível até mesmo para a Pipa, que não percebera nem uma só palavra. Apenas a cauda ruiva da gata, radiante e felpuda, lhe dava a entender que se tratava da Miss Murzhynski, e não de um qualquer gato insolente.

A cauda avistava-se por entre os arbustos de zimbro, que se estendiam ao longo do relvado, na esquina entre a Rua Bau-nilha e o Beco das Ericáceas. O Sr. Duple dizia que os arbustos cresciam ali desde a sua infância, ou seja, provavelmente desde sempre, porque a Pipa não conhecia ninguém que fosse mais velho do que o Sr. Duple.

Poderíamos imaginar que, se o Sr. Duple não tivesse pintado a barba e as sobrancelhas grossas e desgrenhadas com tinta para o cabelo, era bem capaz de se fazer passar pelo Pai Natal. Quanto à calvície, ora, ninguém a consegue ver debaixo de um chapéu, não é? Contudo, o Sr. Duple não era tão alegre como o Pai Natal. Muito pelo contrário. A Pipa até tinha um pouco de medo dele.

A cauda ruiva nos arbustos chicoteava, indignada, de um lado para o outro. A cada movimento, levantava montinhos de neve para o ar azulado da madrugada, mal-iluminado pelos candeeiros, cuja luz se ia desvanecendo gradualmente. Os montinhos de neve transformavam-se em grandes flocos, que esvoaçavam como frenéticas borboletas brancas da couve, e caíam lentamente no chão.

A Pipa estava prestes a abrir a janela, para perguntar qual era a razão daquela gritaria, se o dia ainda nem sequer tinha nascido. Mas eis que a cauda da gata se eriçou como um

espanador do pó. A Miss Murzhynski uivou loucamente uma última vez e desapareceu nos arbustos, juntamente com a sua cauda.

O silêncio das primeiras horas da madrugada invadiu a Rua Baunilha.

\*\*\*

Pela manhã, a cidade estava coberta de neve. Não tinha sido em vão que a Pipa estivera a trabalhar tanto no dia anterior, recortando flocos de neve de papel branquinhos. Ao olhar para a janela do quarto da menina, o inverno apercebeu-se de todos os erros que tinha cometido naquele ano e começou a corrigi-los. A geada era intensa desde o início de dezembro, mas só naquela noite é que caiu a primeira neve, obrigando os galhos cansados dos abetos a recostarem-se nos montes de neve que se amontoavam junto aos troncos.

A Pipa pôs-se a admirar a neve, que brilhava sob aquele sol matutino e, passado um pouco, levantou-se da cama.

— Ai! — gritou. Debaixo do seu pé descalço, alguma coisa estalejara, picando-lhe dolorosamente o calcanhar.

A Pipa olhou indignada para um objeto que, supostamente, não deveria estar no seu tapete redondo e felpudo, ao lado da cama. Afinal de contas, antes de ir dormir, ela própria tinha arrumado todos os seus brinquedos na caixa! Mas, pelos vistos, nem todos estavam arrumados: debaixo dos seus pés estava um rato de porcelana movido a corda.

Ela não se lembrava deste brinquedo. Devia ser do baú que a Pipa tinha encontrado no sótão, no dia anterior, quando ajudou a mãe a fazer as limpezas para a festa de Natal. O baú estava numa mala enorme, que tinha um buraco no canto, quase do tamanho de um punho.

A mala teve de ser deitada fora, juntamente com a maior parte da tralha que nela se guardava e que estava agora

irremediavelmente danificada por ratos. A Pipa pôde ficar com o baú de brinquedos, na condição de poder dismantelar os tesouros empoeirados só quando terminasse as suas tarefas.

— Como é que saíste da caixa? — questionou a Pipa, enquanto pegava cuidadosamente no rato e o examinava de uma ponta à outra.

O rato parecia mesmo estar vivo: com o pelo cuidadosamente pintado, ora em tons de cinzento, ora em tons avermelhados, de olhos escuros e bicudos. Parecia que, a qualquer momento, o animal iria pestanejar, guinchar de susto e fugir para debaixo da cama. Aquela ilusão era apenas quebrada por uma pequena chave de cobre que lhe saía da parte de trás do dorso.

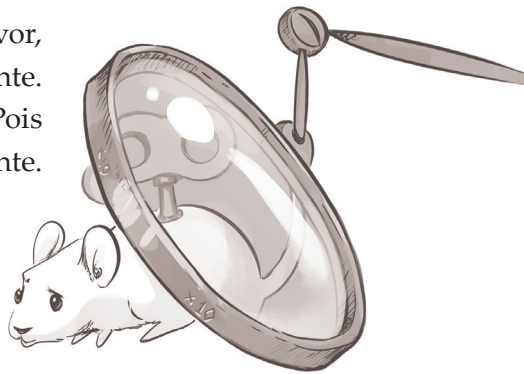
— Então vamos lá, corre para a caixa, — disse a Pipa, e rodou várias vezes a chave, dando à corda.

Colocou o rato no chão. Ele contorceu-se, mas não se moveu. Com um zumbido suave, a chave rebobinou todas as voltas que Pipa lhe tinha dado, mas o rato ali ficou. O brinquedo estava estragado.

\*\*\*

— Oh, vá lá, Sr. Tiki, vá lá, por favor,  
— a Pipa fez uma expressão comovente.  
— Por acaso sabe que dia é amanhã? Pois bem, então que este seja o meu presente.  
— Ao dizer isto, a Pipa esboçou um sorriso matreiro.

— Sei sim, e é por isso mesmo que que não lhe posso prometer tal coisa, minha jovem. — O Sr. Tiki ajustou os óculos no nariz e fez um estalido com a língua. — É um trabalho muito delicado, muito delicado mesmo! Conheço apenas um mestre que fazia este tipo de brinquedos, mas há muito tempo que ele desapareceu do mapa, e não tinha



nenhum aprendiz, pelo menos, que eu saiba. Tenho receio de que, se me aventurar a mexer no brinquedo, dê cabo dele definitivamente.

A Pipa suspirou. Tinha pena do rato. O que até era estranho, já que, quando o viu pela primeira vez, tratara o brinquedo artesanal como uma bugiganga. Talvez tivesse de o partir, para lhe dar o devido valor. E agora, que estava ansiosa por brincar com o seu novo «amigo», iria ter de esperar até que o relojoeiro ganhasse coragem para o tentar consertar. Mas que dia azarado aquele!

— Ai que desgraça! — Irrompeu a Sra. Sabeflie pela re-  
lojoaria adentro, como uma tempestade de neve, trazendo da  
rua o crocitar da geada e uma corrente de ar fresco.

Apesar do seu tom trágico, os olhos da Sra. Sabeflie bri-  
lhavam, com a premonição de uma boa fofoca, e as suas boche-  
chas rechonchudas enrubesceram. O Sr. Tiki também corou,  
ao ver a sua convidada, e os seus olhos, por detrás das lentes  
grossas dos óculos, cintilavam como flocos de neve ao sol.

— O que é que se passa, minha querida? — perguntou o  
relojoeiro, sobressaltado.

— Desapareceram todos!

— Quem é que desapareceu, minha querida?

Qualquer outra pessoa na posição do Sr. Tiki teria fica-  
do irritada, mas o relojoeiro era surpreendentemente paciente  
com os caprichos da Sra. Sabeflie. A Pipa não conseguia ter a  
mesma calma.

Claro que a Sra. Sabeflie não iria demorar muito para  
desbobinar tudo, pois era a maior fofoqueira da cidade. Mas se  
ela se tivesse contido, nem que fosse por mais um bocadinho,  
a Pipa teria explodido de curiosidade.

— Todos eles! — A Sra. Sabeflie contorcia as mãos, como  
numa encenação trágica, aproveitando a luz da ribalta. — Os  
doces de Natal!

ótimo se ele tivesse ficado na cidade e continuado a fazer os seus brinquedos tão incríveis!»

— E onde está agora o teu criador? — perguntou a Pipa, virando-se para o gaio.

O gaio abriu o bico de porcelana como se fosse responder, mas depois a chave deixou de girar e a corda acabou. A Pipa estendeu a mão para dar mais corda ao brinquedo, ela estava muito curiosa para ver se o pássaro lhe diria alguma coisa, mas naquele momento apareceu-lhe à frente a Sra. Sabeflie, com o rosto vermelho do frio.

— Aqui estás tu, pequerrucha! Andei à tua procura por toda a praça! Aqui há gato, alguma coisa se passou! — esbravejava a Sra. Sabeflie e, nisto, agarrou na mão da Pipa e puxou-a.

A Pipa mal teve tempo para agarrar no seu gaio. Não conseguiu romper o fluxo das palavras exaltadas da Sra. Sabeflie, para lhe dizer que as botas estavam a secar junto à lareira. Teve de pôr os pés descalços na laje de pedra, emaranhando-se nas pontas do seu xaile felpudo.

— Porquê tanta demora? Vamos lá, depressa, alguma coisa se passou! — repetiu a Sra. Sabeflie, puxando a menina. Esta tropeçou mais uma vez. — O Sr. Tiki desapareceu!

— Para onde... — começou a Pipa, em uníssonos com a Sra. Snarfle, que entretanto se apercebera da confusão.

— ... estás a arrastar a criança assim despida? — A voz da Sra. Snarfle abafou os gritos indignados dos autores dos doces desaparecidos e os da própria Pipa.

— ... desapareceu? — a Pipa finalmente terminou a pergunta, quando os seus ouvidos pararam de zumbir, por causa do grito da Sra. Snarfle.

— Oh, mas porque é que estás descalça? — reparou finalmente a Sra. Sabeflie, e desatou a chorar.

Todos se puseram a acalmar a Sra. Sabeflie. Até o Presidente da Câmara tentou meter o nariz fora do gabinete, mas escondeu-se imediatamente atrás da porta de emergência, mal se apercebeu de que Pipa se tinha virado na sua direção.

Quando os soluços diminuíram e o fluxo de lágrimas secou um pouco, finalmente se conseguiu obter uma história coerente da Sra. Sabeflie.

Ao que parece, quando a Pipa saiu da relojoaria, a Sra. Sabeflie foi à casa de banho das senhoras (a Pipa ficou um pouco surpreendida com esta parte da história: não fazia ideia de que havia uma casa de banho especial para as senhoras na relojoaria do Sr. Tiki). Nessa altura, o relojoeiro pegou numa lupa mágica e começou a examinar o rato de corda deixado pela Pipa. Não se atreveu a desmontar o mecanismo, mas não conseguiu resistir à pressão da curiosidade e deu uma espreitadela. A Pipa entendia perfeitamente que, quando se tem a oportunidade de ver um verdadeiro milagre de perto, não se deve fechar os olhos.

— Quando acabei de retocar a maquilhagem, voltei, e o Larry não estava em lado nenhum. Na bancada de trabalho estavam apenas estes teus brinquedos horríveis, — ao dizer isto, a Sra. Sabeflie virou-se para a Pipa com uma expressão de condenação.

— Brinquedos? Mas eu só trouxe um ratinho. A Senhora estava lá e viu, — disse a Pipa, surpreendida.

Ela também ficou surpreendida com o facto de o Sr. Tiki ter um nome próprio tão pouco adequado, mas decidiu ficar calada, pois a mãe sempre lhe dissera para pensar antes de dizer a primeira coisa que lhe viesse à cabeça.

— Eu não vi nada: quando eu entrei, já tu estavas a sair da relojoaria. Além do rato, no balcão estava também um boneco de corda.

— O boneco não é meu. — esclareceu a Pipa, para todos os efeitos.

— Isso é muito interessante, mas pode-me explicar porque é que está a arrastar a rapariga sabe lá Deus para onde, sem sequer a deixar vestir-se? — A Sra. Snarfle não se deixou distrair do que considerava ser o verdadeiro cerne da questão.

— É verdade! — A Sra. Snarfle estendeu a mão para o boneco, mas não se atreveu a tocar-lhe, apenas suspirou, encantada. — Os meus pais não tinham dinheiro para comprar os milagres mecânicos do Sr. Prim... Mas, depois de ele ter desaparecido, ficaram muitos exemplares, e toda a gente podia ir vê-los, até que um museu da capital se apoderou de toda a coleção.

— É só isso que têm a dizer sobre este brinquedo? — A Sra. Sabeflie estava surpreendentemente calada.

— Bem... o boneco parece o relojoeiro, sugeriu a Sra. Snarfle, sem ter muita certeza. — Tem óculos de fundo de garrafa, iguaizinhos aos do Sr. Tiki.

— Se o boneco estava na bancada de trabalho, provavelmente estava avariado e o Sr. Tiki ia arranjá-lo, — acrescentou Pipa. — Podemos verificar. — Dito isto, a Pipa rodou a chave.

— Espera um minuto — interrompeu-a a Sra. Sabeflie —, olha para o boneco outra vez, por favor. Diz-me lá se este boneco não é mesmo uma cópia do Larry.

— Oh... — foi o som que saiu pela boca da Pipa e da Sra. Snarfle ao mesmo tempo.

Realmente! O boneco não se parecia com um relojoeiro qualquer. Parecia-se mesmo muito com o Sr. Tiki. E este brinquedo não era o único das criações do mestre Prim que fazia lembrar à Pipa alguém familiar.

— É isso mesmo! Eu também conheço aquele gaio de corda! — a Pipa lembrara-se de onde conhecia aquele bico atrevido. — É o mesmo gaio que gosta de rapinar tudo o que brilha, — o anel dourado na pata do pássaro de corda só confirmava ainda mais a suspeita dela. — Mas o pequeno gaio não se poderia ter transformado num brinquedo, pois não? Ainda esta manhã o vi em carne e osso e «vivinho da silva». Isto é um disparate! Se este pássaro de corda é o gaio do cedro da esquina do Beco das Ericáceas, então o boneco é...

A Pipa foi impedida de terminar o raciocínio pelos soluços desenfreados de desespero da Sra. Sabeflie.

— Calma, vamos todos acalmar-nos e pensar com clareza, — a Pipa sentiu-se muito estranha por ser a mais sensata, mesmo entre as adultas, a Sra. Sabeflie e a Sra. Snarflie. A sua vizinha estava particularmente nervosa: tão pálida como o cal. — Provavelmente, é uma coincidência. Os brinquedos parecem-se com aqueles que conhecemos. Mas este rato, por exemplo, é definitivamente um brinquedo, eu encontrei-o no sótão.

— Essa é a Fifi, do jardim daquele tipo malvado, — alguém exclamou do parapeito da janela.

A Pipa virou-se em sobressalto, mas a Sra. Sabeflie e a Sra. Snarflie não pareceram ligar nenhuma àquela exclamação.

— Pouco barulho, não deites achas na fogueira, — disse um esquilo de tom vermelho-escuro, que espreitava por detrás de um largo barrote de madeira, que emoldurava a janela. — Aproxima mas é essa *sandocha*.

— Tu sabes de alguma coisa? — a Pipa pegou no pires com a sandes meio comida nas mãos, por precaução.

Os esquilos normalmente são matreiros. Se lhes dermos uma guloseima antes de recebermos a informação, eles não dizem nada, limitam-se a dançar e a troçar: «Enganámos um tolo».

— Eu conheço a Fifi. Ela vivia com um velhote que lhe costumava dar comida. Deixava-lhe montanhas de cereais e nozes, que ela costumava partilhar comigo. Mas, ontem, saltou a tampa ao velhote e deu-lhe para montar várias ratoeiras pelo jardim, pelo que a pobrezinha teve de se ir embora, antes que ficasse sem cauda.

— Ó pequerrucha, com quem é que tu estás a falar? — A Sra. Snarflie foi a primeira a aperceber-se de que a Pipa não se dirigia a nenhuma das pessoas da sala.

— Olha que tu não deites achas na fogueira! — o esquilo avisou outra vez. — Põe a *sandocha* no parapeito, que eu vou buscá-la depois. Não confio nesta... «senhora dos gatos».

— Com esta frase enigmática, o esquilo saltou do parapeito e desapareceu.

— Com um esquilo... — respondeu a Pipa, absorta em pensamentos, enquanto processava a informação que tinha recebido. Quando voltou a si, colocou a sandes no parapeito. O esquilo bem que merecia uma recompensa. — Sra. Snarfle, o que é que a Senhora quis dizer quando falou sobre gatos falsos a atravessar a rua? — perguntou a Pipa cautelosamente. Se a suposição feita pelo esquilo falante fosse verdadeira, então...

— A Miss Murzhynski... também...

— ...se transformou num brinquedo mecânico? — A Pipa não se conteve e deixou escapar o seu palpite, sem que a Sra. Snarfle tivesse tempo de terminar a frase.

— É bem provável... acho que sim, — concordou a Sra. Snarfle, e enfiou a mão ao bolso, para pegar num lenço. A suas mãos tremiam visivelmente.

\*\*\*

— Ora aqui está ela!

A Pipa agachou-se e gatinhou para o meio dos velhos arbustos de zimbro, quebrando impiedosamente a crosta de geadas que ali se tinha formado, e na qual parecia refletir não um mas dezenas de pequenos sóis. Através desta crosta, as bagas de zimbro aumentavam tanto, que mais pareciam cerejas gigantes.

Fora desse mesmo arbusto que, ao amanhecer, enquanto a sua dona dava conta da sua insatisfação a toda a vizinhança, saíra a tal cauda ruiva de gato. Agora, em vez de uma cauda felpuda e peluda, no entrelaçado de ramos de zimbro, via-se apenas uma pequena cauda de porcelana, que pertencia a um gato em miniatura, também de porcelana, com um bonito laço de cetim ao pescoço, tal como aquele que a Miss Murzhynski costumava usar.

— O que é que estás a fazer de joelhos na neve fria? — A Sra. Snarflie, como de costume, estava preocupada que a Pipa apanhasse frio e se constipasse.

— Mas a neve não está fria, — respondeu a Pipa, ficando imóvel por uns segundos. — A sério! A neve não está nada nada fria! — dito isto, puxou a luva com os dentes e tocou na neve falsa com a mão. Esta desfez-se e caiu dos seus dedos em pequenos flocos, como confetes brancos. — Olhe, os flocos de neve são... de papel!

Quem é que já viu duas senhoras crescidas e respeitáveis a rastejar pela neve de barriga para baixo? Bem, o Sr. Duple nunca tinha visto. E, aparentemente, esta visão foi tão impressionante que ele ficou em choque. Caso contrário, nunca se teria permitido ficar ali pasmado a olhar para as partes traseiras das senhoras, que enfiaram a cabeça nos arbustos de zimbro, como se fossem duas avestruzes. Pelo menos, foi isso que Pipa concluiu, quando viu a expressão de espanto no rosto enrugado do Sr. Duple.

— Oh, Sr. Duple, estávamos mesmo a pensar em si! — disse a menina cheia de entusiasmo.

Claro que quem estava a pensar nele era mesmo só a Pipa, que se havia lembrado das suas reflexões matinais sobre a idade dos arbustos, nos quais a Sra. Sabeflie e a Sra. Snarflie ainda estavam emaranhadas, trocando exclamações agitadas. Mas, na verdade, o Sr. Duple era tão velho que bem podia ter conhecido o Sr. Prim ou, pelo menos, lembrar-se de alguma coisa sobre o seu desaparecimento e sobre o escândalo que envolveu os seus brinquedos.

\*\*\*

O Sr. Duple não era propriamente conhecido por ser muito sociável. No entanto, o soufflé de laranja e os chás de tília perfumados da Sra. Snarflie podem fazer maravilhas.